

José Soares - poeta reporter

# O Filho de Camões

Quem ler essa narrativa  
Va desculpando os senões  
Porque seu objetivo  
É falar nas aptidões  
Do professor Camenzinho  
Filho do velho Camões

Esse filho de Camões  
Nasceu numã sexta feira  
Antes de abrir os olhos  
Fez a trameia primeira  
Roubou de cima da cama  
A bruaca da parteira

Ninguém passavá por ele  
Para não sair roubado  
Roubava a vista do dono  
Tinha um quengo refinado  
Era estradeiro polido  
E ladrão condecorado

*de  
Pinto*

*Dis-  
cussão*

No seu heróscopo de vida  
Troxu a sina de ladrão  
Fazia qualque um roubo  
O dono dando na mão  
Era sùtil como o sono  
Curioso como um cão

Nos sábio miraculosos  
Ele passava lições  
Passou quináu em chicuca  
Era o melhor entre os bens  
Muitas vêzes ele enganou  
Vicente o rei dos ladrões

Era culto e vivaldino  
Sabido e vivo de mais  
Passava o sono do páco  
Nos Entelectuais  
Em defesá da família  
Honrando o nome dos paes

Falsificava bilhete  
Da Loteria Esportiva  
Tinha idea taciturna  
E muita prerrogativa  
Foi quengo mestre do quengo  
E tinha muita saliva

No dia que Camonzinho  
 Não achava o que roubar  
 Botava o chapeo num canto  
 Começava a pontear  
 Enquanto não conseguisse  
 Não podia socegar

Quem tinha o quengo finorio  
 Vivia pensando nele  
 Nunca encontrou mÃoda seda  
 Para competir com ele  
 Antes da galinha pôr  
 O ovo já era dele

Não precisava cabresto  
 Para roubar animas  
 Parece ate que os bichos  
 Aprenderam seus sinais  
 Quando olhava para um burro  
 O besta saia atraz

E um dia Comonzinho  
 Roubou um chapeo de massaa  
 Botou ele na cabeça  
 Saiu andando na praça  
 Olhou num espelho e disse  
 Fico feio como a desgraça

Onde Camonzinho passava  
 Com aquele chapuzão  
 Quebrado na meio da testa  
 Chamava e pava atenção  
 Ele notou que aquilo  
 Não era bompria ladrão

Arranjou uma tescura  
 Nas casas comerciais  
 Fez dois bicos no chapéu  
 Um na frente e outro atrás  
 Dizendo para o que quero  
 Fica bacana de mais

Camonzinho para roubar  
 Ao nascer trouxe o dote  
 Porque comprava nas lojas  
 Sem querer passar calote  
 Pagava e dizia ao dono  
 Depois eu levo o pacote

Chegou num super-mercado  
 Fezer compras se despôs  
 Comprou feijão e açúcar  
 Carne farinha e arroz  
 Pagou e disse ao caixa  
 Só levo tudo depois

Entrou numa misselândia  
 Na rua comercial  
 Comprou logo cinco dúzias  
 De sapato Vulcabras  
 Vinte dúzias de camisas  
 Uma roupa de tergal

A onde ele comprava  
 Usava dessa taptá  
 Comprava pagava tudo  
 Deixava a mercadoria  
 Pagava o chapeo no bico  
 Dava obrigado e saia

Aqui deixo camonzinho  
 Com planos de mercenário  
 Para falar em Jacinto  
 Um agiota osurário  
 Orgulhoso e opulento  
 Dez vezes milionário

Onde Camenzinho entrava  
 O agiota lhe seguia  
 Camonzinho observava  
 Mais fazendo que não via  
 Os planos do agiota  
 Perfeitamente sabia

Camonzinho fez as compras  
 Pagou tudo e regressou  
 Quando foi no outro dia  
 As sete horas chegou  
 Para receber os pacotes  
 Jacinto lhe acompanhou

Camonzinho foi primeiro  
 Nama loja de calçado  
 Aonde já tinha pago  
 Tudo que já tinha comprado  
 Puchou o chapéu no bico  
 Não disse nem obrigado

Só fez pegar o pacote  
 E sacudir na cabeça  
 O dono da loja disse  
 Quando voltar não esqueça  
 Estamos as suas ordens  
 Quando quiser apareça

Camonzinho foi num cansoio  
 Comprou um WOLKSWAGEN  
 Puchou o chapéu no bico  
 Em sinal de homenagen  
 Pagou com um cheque sem fundo  
 E seguiu sua viagem

Nessa hora o agiota  
A Camonzinho a acompanhou  
Fez como quem não quer nada  
Passou por ele e voltou  
Para se encontrar com ele  
Na frente dele passou

Foi dizendo a Camonzinho  
Me venda esse chapéusão  
Pra mim trabalhar na roça  
Quando chegar no sertão  
Se quiser vender agora  
Eu lhe dou vinte milhão

Camonzinho disse a ele  
Eu já achei muito mais  
Só não o vende porque  
Foi herança de meus pais  
Esse chapéu é um genio  
Ninguém faz o que ele faz

Pois esse chapéu é mágico  
Chego com ele na praça  
Compro tudo e nada pago  
Levo o que quero de graça  
Alem de não passar a'gua  
Não é baieta é de massa

O agiota lhe disse  
Eu não estou desfazendo  
No valor do seu chapéu  
Ou no que estais dizendo  
Mais desse modéstia a parte  
Eu só acredito vendo

Camonzinho disse estar certo  
Não vendo porque não dá  
Ia mudanda á passada  
O velho disse vem cá  
Diga o preço direitinho  
Que eu desejo comprá

Camenzinhò disse a ele  
Não quero vender mais não  
O velho disse me venda  
Eu lhe dou vinte milhão  
E dou mais esse relógio  
Como gratificação

Abriu uma pasta nova  
Tirou com a sua mão  
Um pacote de dinheiro  
Contendo vinte milhão  
Tirou também o relógio  
Entregou para o ladrão

Camonzinho retirou-se  
O agiota ficou  
Olhando para o chapéo  
Sorrindo o examinou  
Dizendo com seus botões  
O tempo ruim acabou

Fez uma compra na loja  
Depois mandou embrulhar  
Puxou o chapeo no bico  
Que viu a hora rasgar  
Quando pegou o pacote  
Disseram falta pagar

Virou o chapeo de lado  
No outro bico puxou  
Fez uma roda de gente  
Dizendo o velho endoidou  
Debaixo de grande vaia  
Foi para o caixa e pagou

Saiu dali resmungando  
Dizendo de cara feia  
Se eu pegasse aquele peste  
Esmigalhava na peia  
Um miserável dsquele  
Merecia uma cadeia

Camozinho era um perigo  
Roubava e tinha malicia  
Mais um dia foi flagrado  
Porque faltou lhe malicia  
Per um coxilo de otica  
Caiu nas mão da Policia

Camozinho foi em cana  
Levaram ele algemado  
Para contar o que fez  
Perante ao delegado  
Mais no birou do delega  
Deu-se um negócio engraçado

Tinha la um delegado  
Um guarda e um escrivão  
Perguntou lhe o delegado  
Qual é sua profissão  
Ele disse em ton de blaque  
Seu delega eu sou ladrão

O delegado mandou  
B ta ele no xadrez  
Já tinha dois na gaiola  
Com ele fazia trez  
E disse ao escrivão  
Só o selte no fim do mez

Dos presos que tinha ali  
 Se fez logo camarada  
 E disse tenha uma ide  
 Que é muito bem bolada  
 Arrembar essa cebola  
 E fugir demadrugada

Camonzinho estava prézo  
 Mas não estava na cela  
 E de lá onde estava  
 Via por uma janelã  
 A cablae que o guarda  
 Estava de sentinela

O guarda estava dormindo  
 Não via aquele manejo  
 Camonzinho serrando a grade  
 E tocando num realejo  
 O outro prezo dizendo  
 Se ele acordar eu vejo

Serraram a grade de ferro  
 E camonzinho saiu  
 Pisando a ponta dos dedos  
 O guarda não presentiu  
 Carregou-lhe o cacetete  
 O miseravel não viu

Carregou do vigilante  
O revolver e o boné  
Afanou uma botina  
Deixou a outra no pé  
O guarda ficou roncando  
De nada disso deu fô

E Camonzinho fugiu  
Para um país estrangeiro  
Quando chegou no Japão  
Procurou um engenheiro  
Mandou fazer uma máquina  
Que fabricava dinheiro

Era uma máquina automática  
Fabricada no Japão  
O engenheiro Cabús  
Era autor da invenção  
Ligava numa lavanca  
Desligava num botão

Tinha um relógio automático  
Que manobrava o motor  
Montado sob cilindro  
E tinha um computador  
Rodava com rolimães  
E rolos de compressor

Estraiá numa hora  
Cinco mil notas de cem  
De um cruzeiro e de cinquenta  
De dez e cinco também  
Só não saia de vinte  
Porque de vinte não tem

Continha cinco botões  
Número um o primeiro  
Calcando nesse número  
A nota era cem cruzeiro  
E assim consecutivo  
Ia aumentando o dinheiro

O papel era cortado  
Do mesmo tamanho da nota  
Era um truque verdadeiro  
Pra quem vive de sabote  
Qualquer um aventureiro  
Caia nessa patóta

Ele cortava o papel  
Numa venda que havia  
Quando ele manobrava  
O papel branco sumia  
Se a aresta da máquina  
O dinheiro aparecia

Com muita sagacidade  
 Botava a nota dobrada  
 Manobrava na lavanda  
 Saia a nota estirada  
 Com a estampa e a série  
 Assinada e numerada

Calcava no botão dois  
 O dinheiro era brasileiro  
 No botão número trez  
 Era Dólar do estrangeiro  
 No botão número quatro  
 Outro tipo de dinheiro

Sabemos que Camonzinho  
 Era fino trapaceiro  
 E com essa perspectiva  
 De não lhe faltar dinheiro  
 Resolveu banear turista  
 Noutro paiz estrangeiro

E avieneu de Tokio  
 Com destino a Alemanha  
 Fez escala no Japão  
 Passou pela Grã Bretanha  
 Não quis ficar em Pekim  
 Foi terrisar na Espanha

Da capital da Espanha  
Tomou um novo transporte  
Levou a máquina de araque  
Vendeu na América do Norte  
Por quinze nonileão  
De dinheiro em ouro forte

Quem comprou a máquina foi  
O senhor Matos Além  
Americano orgulhoso  
Igualmente a Pedro Cem  
Mais dessa vez atolou-se  
Entrou no cano também

Depois de ter recebido  
Camonzinho foi ligeiro  
Colocou dentro da máquina  
Cinco milhões de cruzeiro  
Ficou aguardando a bomba  
Quando acaba-se o dinheiro

Com cinco dias depois  
Todo dinheiro acabou se  
Matos Além mexeu tanto  
Que a lavanca quebrou-se  
Disse eu entrei pelo cano  
A máquina desmantelou-se

Mandou chamar Camonzinho  
 E disse que lhe daria  
 Quinhentos milbõ s de dólares  
 Perguntando se queria  
 Para dar a máquina pronta  
 Na manhã de outro dia

Camonzinho disse aceito  
 Mais quero logo a metade  
 Para comprar uma peça  
 De grande necessidade  
 E conforme seja até  
 Que lhe dou pronta de tarde

Com essas frases oriundas  
 O senhor Matos Além  
 Disse p'ra ele está certo  
 Que tenho pressa também  
 Deu 400 milbões  
 Só ficou faltando com

Camonzinho recebeu  
 Todo aquele dinheiro  
 Disse consigo é melhor  
 De que pegar no bolão  
 Matos Além ainda vive  
 Pensando nessa lição

Camonzinho era manhoso  
 Astucioso e matreiro  
 Era agil muito hábil  
 Perigoso e caloteiro  
 Como dizia as mulheres  
 Era um sujeito " Xexeiro "

Era um fino Malazart  
 Maniaco e enrolão  
 Sabido sem ter estudo  
 Aventureiro e ladrão  
 Larapio meticuloso  
 " EXPOENTE DE CANÇÃO "